

Manoelina abandona escola aos 13 anos para ser babá

Regis Farr

Timida, franzina, Manoelina Delfino Rosa, filha mais velha de servente vez por outra desempregado, três irmãos vivos (oito morreram), ficou três de seus 13 anos numa escola: repetiu a 1ª série, passou para a 2ª e trocou as aulas por um emprego doméstico com Cr\$ 2 mil de salário. Escrever, Manoelina só consegue o seu próprio nome; ler, nem com muito esforço; contar, só os trocos.

Manoelina mora no conjunto Cidade do Aço, em Paciência, num casebre a uns 10 minutos de chão de barro da Escola Municipal Aídee Viana Flúza, que frequentava, e sua história resume uma situação cuja gravidade e extensão acabam de ser levantadas por uma equipe de professoras do Rio: em todo o país, de cada duas crianças que entram para a escola, uma é Manoelina — repete a 1ª série e/ou simplesmente abandona os estudos.

No Norte e Nordeste, as Manoelinas proliferam e chegam a ser várias vezes superiores às do Sul. Em Sergipe, em cada grupo de 1 mil crianças que entram para a escola pública, elas, as Manoelinas, somam 750. No Estado do Rio, a proporção é de 601 para a 2ª série e 380 que terminam o primário, mas os melhores resultados estão com São Paulo e Santa Catarina, que conseguem levar ao final da 4ª série mais da metade das crianças das escolas públicas.

"Tia" boa, merenda ruim

Com um sorriso ingênuo e constante nos lábios, Manoelina é de poucas pala-

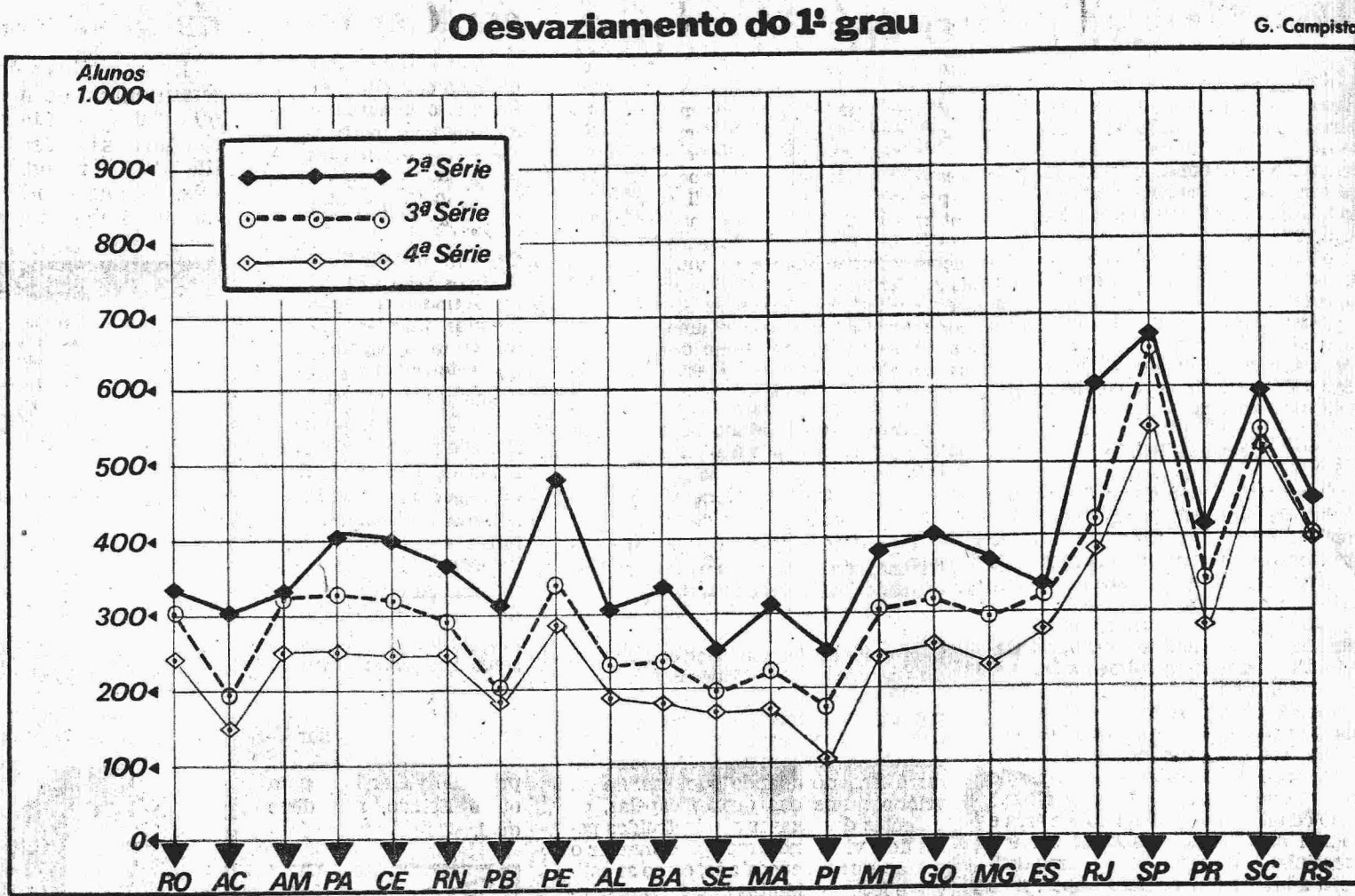
bras. Ela define sua experiência escolar com uma frase: as tias (professoras) eram boas e a merenda, muito ruim. "A gente encontra até perna de barata naquela comida", completa sua colega Mariana.

Caderno e livro nas mãos, Manoelina ia cedo para a escola. Mas, antes, ajudava a mãe Marlene na cozinha e no cuidado dos irmãos. À tarde, a vassoura, o tanque e a mãe constantemente doente tomavam as horas que Manoelina deveria dedicar ao estudo. De qualquer forma, sem um cantinho no casebre para apoiar, livre da algazarra e choro dos irmãos, o caderno, e sem a ajuda do pai ou da mãe — ambos analfabetos — estudar ficava difícil.

— Eu mesma atrasava a vida dela — intervém Marlene, de 34 anos. Sempre fui muito doente, sabe? Ai, eu ficava internada e ela é a filha mais velha, então tinha que fazer a comida, ficar com os irmãos, lavar a roupa. Depois, eu não tinha dinheiro para comprar as coisas do colégio...

Jorge, o pai, trabalhando atualmente de servente numa obra em Santa Cruz, achou melhor que a filha trabalhasse e a mãe arrumou um lugar de babá para Manoelina, numa casa perto, no conjunto Cesarão. Lá, ela cuida de Marco Aurélio, de dois anos, e Luciano, de 10 meses, mas passou a última semana de férias com os pais, porque a família viajou para São Paulo.

— Eles paga muito pouco lá, né? Dois mil. Mas já dá pra ajudar alguma coisa, pra comprar os remédios das crianças — argumenta a mãe.



Manoelina ganha Cr\$ 2 mil para ajudar a sustentar três irmãos

Só 249 em 1 mil acabam o primário

De cada 1 mil crianças que entram para a escola pública no país, só 438 chegam à 2ª série; 249 terminam o primário e apenas 180 concluem o ginásio. Estes dados são do primeiro levantamento feito, a nível nacional, a pedido do próprio Ministério de Educação, pelas professoras Zaia Brandão, Ana Maria Baeta e Any Dutra Coelho da Rocha. Os números foram colhidos no MEC e nas Secretarias de Educação, mas as pesquisadoras acreditam que a realidade seja pior ainda, devido à manipulação política dos dados.

O alto índice de repetência e evasão — no Piauí, por exemplo, só 25% dos alunos da 1ª série passam para a 2ª e apenas 10% dos que entraram no sistema terminam o primário — encarece a escola pública, de acordo com as pesquisadoras. Elas atribuem este fracasso à escola e não à criança, que acaba saindo da escola sem saber ler e escrever e carregando o estigma de ser burra ou incapaz, além de deixar frustrados os próprios professores.

Realidade é pior

A pesquisa, iniciada no ano passado e concluída há dois meses, foi encomendada às professoras pelo INEP (Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa), ór-

gão do MEC, e feita em convênio com o IUPERJ (Instituto Universitário de Pesquisa do Estado do Rio). Elas fizeram um levantamento de todas as pesquisas já produzidas no país nos últimos 10 anos sobre o fracasso escolar e assuntos correlatos, tendo selecionado uma amostra de 27 trabalhos.

Os números são do período de 74 a 78, que é o último ano em que o órgão tem os dados de todo o país. Os resultados conseguidos já eram esperados pelas professoras, que acreditam que a realidade do ensino no país seja ainda pior do que revelada pelo seu trabalho.

— Estas estatísticas nunca são muito confiáveis — chamam a atenção — porque existe uma intervenção política na coleta dos dados e, de repente, a taxa de reprovados e de crianças expulsas do sistema escolar tem que melhorar.

Um exemplo desta manipulação é — dizem — a promoção automática da 1ª para a 2ª série, que oficialmente não mais existe, mas, na realidade, segundo creem, pode existir de fato como orientação interna das Secretarias de Educação para que o professor promova de ano um determinado percentual de alunos. Os dados mais confiáveis, de acordo com as pesquisadoras, são os do Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo.

O gráfico mostra, em cada Estado, o nº de alunos que chegam à 2ª, 3ª e 4ª séries do 1º grau, para cada 1 mil que têm acesso à 1ª série. O Nordeste tem o maior índice de reprovações e a situação pior é a do Piauí, onde 102 em 1 mil alunos chegam à 4ª série. No Piauí, Sergipe e Maranhão, o nº dos que conseguem terminar o primário é inferior até a média dos que, no país inteiro, concluem o ginásio (180). O pior rendimento da Região Norte é do Acre, onde 153 crianças em 1 mil completam o primário. A Região Sul apresenta os melhores resultados: a pirâmide educacional mais equilibrada é a de Santa Catarina, onde 523 alunos em 1 mil terminam o 1º grau. Dos Estados, São Paulo apresenta o menor índice de repetência e evasão, com 539 em 1 mil alunos terminando o primário. No Rio, 380 completam o 2º grau.

Fome e pobreza são "falsos alibis"

A desnutrição da criança da escola pública, a pobreza de sua família e sua incapacidade de aprender não passam de uma coleção de falsos alibis para justificar o alto índice de repetência e evasão, concluem as pesquisadoras. Elas acham que a escola pública está totalmente inadequada à criança que recebe, distante de seus valores e cultura e mesmo contrária a eles.

— Se pegarmos uma criança subnutrida e dermos a ela um tratamento especial — explicam — deixando de lado o ensino verbalista e desinteressante, ela se sairá bem. A subnutrição não incide sobre a capacidade de aprendizagem, e sim sobre a motivação da criança e sua atenção. O problema é que, geralmente, esta criança fica menos tempo na escola e em turmas com os professores mais inexperientes.

O porquê do fracasso

Uma das causas do fracasso da escola — segundo as pesquisadoras — é que as turmas consideradas mais difíceis, como a da alfabetização, são dadas a professores iniciantes. Além disso, há uma grande rotatividade de professores nestas turmas, durante todo o ano, e o tempo e permanência da criança na escola é reduzido, com o artifício de três turnos, como acontece no Rio.

— As pesquisas brasileiras — afirmam — apontam para a impossibilidade de se alfabetizar a criança das classes populares em 180 dias, ou seja, um ano escolar. As quatro primeiras séries são importantes para que ela realmente domine a leitura e a escrita. Mas, para que esta criança fique na escola por este período, é preciso que a estrutura seja modificada.

Elas acham que, se o aluno fica dois ou três anos na escola, repetindo séries, continua analfabeto, porque tanto a repetência quanto a promoção automática de uma para outra série são ineficazes para melhorar o rendimento.

— É bom lembrar — acrescentam — que a falta de condições dos pais para acompanhar as tarefas escolares do filho faz com que a escola se torne o único apoio possível para esta criança. No entanto, ela está mais preocupada em ensinar a maneira certa de o aluno se portar em aula.

Zaia, Ana Maria e Any dizem que o professor carrega uma série de preconceitos em relação ao aluno pobre e acha que ele é menos capaz de aprender.

Outros fatores que contribuem para o mau rendimento da criança são, segundo as pesquisadoras, os baixos salários, a falta de domínio do que vai ensinar e a desprofissionalização do professor, na associação indevida do trabalho ao sacerdócio.

— O que caracteriza um bom professor — definem — é a sua competência, a sua consciência profissional, e não sua preocupação com o decantado desenvolvimento integral do homem. A professora não é segunda mãe nem babá. Ela tem-se esquecido que sua função primordial é ensinar.